

Paisagem Urbana de São Paulo **Percepções de uma Comunidade Acadêmica**

ET2: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

Daniela Lorenzi da Rocha e Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus São Paulo
E-mail: daniela.lorenzi@aluno.ifsp.edu.br

Douglas Luciano Gallo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus São Paulo
E-mail: douglas.luciano@ifsp.edu.br

RESUMO

Este estudo investigou a relação entre fatores individuais e a percepção da paisagem urbana de São Paulo, partindo do problema do crescimento urbano desordenado e seu impacto no bem-estar. Objetivou-se analisar como variáveis sociodemográficas (gênero, idade e local de residência) modulam a experiência com o ambiente urbano na comunidade acadêmica do Instituto Federal de São Paulo - IFSP. Adotou-se uma metodologia de métodos mistos, com uma revisão integrativa da literatura sobre Psicologia Ambiental e um estudo survey descritivo, utilizando questionário online com imagens e análise quanti-qualitativa (113 respostas, 90% confiança). Os resultados da revisão consolidaram conceitos-chave como percepção ambiental e representação social. A pesquisa de campo revelou que a Avenida Paulista e o Centro Histórico são os principais símbolos urbanos e que a percepção é modulada pelas variáveis estudadas: gênero, idade e região. Conclui-se que a experiência urbana é diversa, reforçando a importância da Psicologia Ambiental para um planejamento urbano mais humano e inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia ambiental; paisagem urbana; percepção ambiental; planejamento da paisagem.

ABSTRACT

This study investigated the relationship between individual factors and the perception of São Paulo's urban landscape, starting from the problem of disorderly urban growth and its impact on well-being. The objective was to analyze how sociodemographic variables (gender, age, region, education, and professional activity) modulate the experience of the urban environment within the IFSP academic community. A mixed-methods methodology was adopted, featuring an integrative literature review on Environmental Psychology and a descriptive survey study, using an online questionnaire with images and a quantitative-qualitative analysis (113 responses, 90% confidence level). The review results consolidated key concepts such as environmental perception and social representation. The field research revealed that Avenida Paulista and the Historic Center are the main urban symbols, and that perception is modulated by the studied variables: gender, age, and region; however, education and professional activity did not yield varied enough responses for analysis. It is concluded that the urban experience is diverse, reinforcing the importance of Environmental Psychology for more humane and inclusive urban planning.

KEYWORDS: environmental psychology; urban landscape; environmental perception; landscape planning.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento urbano desordenado altera profundamente a relação entre as pessoas e seu entorno. Como destacam Corraliza e Aragonés (1993), a cidade é um espaço físico e social que influencia o comportamento, estabelecendo uma relação dialética entre os habitantes e o ambiente.

Este cenário, marcado por desafios sociais e governamentais, compromete o bem-estar da população e exige uma reflexão interdisciplinar sobre planejamento urbano. Nesse contexto, a Psicologia Ambiental consolida-se como campo essencial para investigar essa interação, utilizando conceitos como percepção ambiental e representação social para decifrar a experiência urbana.

A cidade de São Paulo sintetiza emblematicamente essas complexidades. Investigar como sua paisagem é percebida por grupos específicos é fundamental para pensar e planejar sua paisagem. Assim, este trabalho propõe investigar a relação entre fatores individuais (gênero, idade e local de moradia) e a percepção da paisagem urbana de São Paulo pela comunidade acadêmica do IFSP. Foi adotada uma abordagem metodológica mista, combinando revisão integrativa da literatura com pesquisa de campo (formulário online).

2 REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

2.1 Definição e origens da Psicologia Ambiental

A Psicologia Ambiental é um campo científico interdisciplinar que integra conhecimentos como arquitetura e sociologia (Cavalcante; Elali, 2017). Ela parte da relação recíproca entre comportamento humano e ambiente físico-social, analisando como características do espaço e das pessoas se influenciam mutuamente (Villalpando-Flores, 2022). Sua consolidação ocorreu em um contexto de intensa urbanização e preocupação com desigualdades (Villalpando-Flores, 2023). Um aspecto central é investigar o vínculo afetivo e cognitivo com lugares. Conceitos como apego ao lugar são fundamentais para compreender a identidade e promover ambientes com pertencimento (Moranta; Urrutia, 2005). Ao considerar dimensões subjetivas negligenciadas no planejamento, a disciplina torna-se uma ferramenta para um desenvolvimento urbano mais humanizado e sustentável, integrando saúde biopsicossocial e ecologia urbana para aplicar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Villalpando-Flores, 2023).

2.2 Principais conceitos

Os dois principais conceitos da Psicologia Ambiental são a percepção ambiental e a representação social. A percepção ambiental é o processo subjetivo pelo qual um indivíduo interpreta e confere significado ao seu entorno, um processo inexistente sem o observador (Machado, 2012). Ele é condicionado pelo contexto sociocultural, experiências prévias e repertório biográfico do indivíduo.

Machado (2012) distingue dois tipos de informação na percepção da paisagem. A informação direta é a mais imediata, absorvida pelos sentidos, principalmente a visão. A

informação indireta é formada por conhecimentos, valores e significados culturais e sociais, moldando a maior parte da compreensão ambiental, como ilustra o autor: "um geógrafo a estuda e a conhece mesmo que nunca tenha estado lá" (Machado, 2012, p. 42).

No cotidiano, o indivíduo mescla processos cognitivos e sentimentos, integrando informações diretas e indiretas para construir uma relação única com o espaço. Além dessa experiência, Machado (2012) propõe o exercício ativo da leitura da paisagem, classificando-a em categorias não excludentes (como paisagens de trabalho ou memórias afetivas), demonstrando a multiplicidade que um ambiente contém.

Já a representação social, tem seu termo formalizado por Serge Moscovici em 1961, consolidando uma área com raízes em conceitos como as "representações coletivas" de Durkheim. A teoria de Moscovici, influenciada por Piaget, Freud e Vygotsky, define as representações sociais como um conhecimento socialmente elaborado que permite interpretar e simbolizar a realidade, gerando um saber prático que orienta condutas e comunicação (Reis; Bellini, 2006).

São produções de conhecimento coletivas sobre a realidade. Por surgirem da dinâmica social, estão ligadas à socialização cotidiana nos espaços públicos, onde trocas de experiência fomentam a criação de sentidos compartilhados. Desse processo derivam o conhecimento social e o senso comum, base para a tradução da realidade feita por um grupo (Andrade et al., 2018). De acordo com Reis e Bellini (2006), as representações sociais cumprem quatro funções principais: Saber (compreender a realidade), Identitária (definir a identidade grupal), Orientação (guiar comportamentos) e Justificadora (justificar posições).

Quanto à estrutura interna, Reis e Bellini (2006) explicam que elas se organizam em um núcleo central e elementos periféricos. O núcleo central é a base fundamental, conferindo significado e coerência; é estável e resistente. Os elementos periféricos formam a camada mais dinâmica, ancorando a representação na realidade cotidiana. Por serem flexíveis e sensíveis ao contexto, adaptam-se a novas informações, protegendo assim a estabilidade do núcleo central. Essa estrutura explica a resiliência de certas crenças sociais: enquanto aspectos periféricos se adaptam, o núcleo central mantém-se preservado.

Esta construção ocorre em um "espaço potencial", onde a realidade concreta e a simbolização se fundem. Consequentemente, diferentes grupos sociais podem desenvolver representações distintas sobre um mesmo objeto. Portanto, para compreender um território em sua totalidade, é imprescindível considerar as múltiplas representações sociais a ele associadas (Andrade et al., 2018).

2.3 Paisagem urbana como objeto de estudo

A paisagem urbana, para Cullen (1961), é a experiência sensorial e emocional criada pela relação entre espaços, volumes e a percepção humana. Sua qualidade é avaliada pela habitabilidade urbana, ou seja, como atende às necessidades e conforto dos habitantes (Cullen, 1961). Essa paisagem não é estática. Conforme as sociedades mudam, ela se transforma. Se antes essa adaptação era inconsciente, a partir do século XX tornou-se objeto do planejamento urbano, consolidando uma área de conhecimento para atender às necessidades da população (Villalpando-Flores, 2022).

De acordo com Cullen (1961), a paisagem urbana é percebida através de elementos fundamentais. A Visão Serial é a experiência dinâmica da cidade revelada em sequência

ao observador em movimento. O Lugar é o cenário, definido por sua forma física e pelos significados, memórias e cultura que as pessoas lhe atribuem. O Conteúdo engloba as partes da cidade, como edifícios, espaços públicos e detalhes (iluminação, mobiliário). O Enclausuramento refere-se à disposição deste conteúdo, podendo gerar sensações de proteção ou abertura. Por fim, a Escala Humana é a percepção do espaço, intrinsecamente ligada ao enclausuramento. Assim, a paisagem urbana é uma estrutura complexa, cuja qualidade é vital para o bem-estar.

Dentro da paisagem urbana há também o estudo do espaço público que, segundo Gallo (2020), é uma área coletiva e acessível, destinada ao encontro e interação de diferentes grupos sociais. Ele serve como palco da vida coletiva, essencial para a sociabilidade e o exercício da cidadania através de manifestações e eventos culturais, contribuindo diretamente para a qualidade de vida urbana. No entanto, sua integridade e função social enfrentam sérios desafios contemporâneos. A sensação de insegurança, associada à criminalidade, tem levado ao declínio desses espaços abertos em favor de condomínios fechados, que oferecem proteção seletiva. Isso fragmenta a cidade e reduz o convívio entre classes, aprofundando a segregação espacial.

A desigualdade social se reflete na distribuição injusta de infraestrutura, com bairros periféricos sofrendo escassez e precariedade, enquanto áreas mais abastadas contam com parques e equipamentos culturais bem conservados. Além disso, muitos espaços públicos são mercantilizados, voltados para o consumo de elites ou controlados por seguranças privados que filtram seu acesso. Por fim, o enfraquecimento dos laços comunitários é intensificado pela Modernidade Líquida, conceito de Bauman (2001) que descreve uma sociedade fluída e volátil. A ascensão das redes sociais e a comunicação virtual habitam os indivíduos a interações à distância, contribuindo para a erosão do convívio presencial nos espaços públicos.

2.4 Qualidade de vida

A qualidade de vida é um conceito multidimensional. Duarte et al. (2021) a fundamentam em cinco dimensões inter-relacionadas: Psicológica, Fisiológica, Social, Cultural e Ambiental, mostrando que ela transcende necessidades materiais, incorporando elementos subjetivos da experiência individual e coletiva. Para sua análise, Gallo (2020) propõe classificações complementares: aspectos objetivos (condições materiais como acesso a saúde, educação e infraestrutura) e aspectos subjetivos (percepções individuais de felicidade e satisfação, ou bem-estar). Embora os elementos subjetivos sejam difíceis de medir, indicadores como o IDH e o IBEU oferecem ferramentas valiosas para avaliação.

Nesse contexto, iniciativas globais como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU buscam promover melhorias. Alinhados a isso, Villalpando-Flores e Bustos-Aguayo (2024) destacam quatro elementos cruciais para o planejamento urbano que visa a qualidade de vida: criação de espaços que favoreçam a sociabilidade entre diferentes grupos, fomentando a cultura; estabelecimento de ambientes seguros que impulsionem o uso dos espaços públicos sem receio da criminalidade; Desenvolvimento de programas de atividades sociais que tornem esses espaços seguros verdadeiramente úteis e atrativos para as interações; criação de ambientes visualmente agradáveis que reforcem a identidade local e sirvam como ponto de referência para a criação de memórias coletivas e individuais. Esses elementos demonstram como a qualidade de vida resulta da

combinação entre infraestrutura adequada, sensação de pertencimento e oportunidades reais de desenvolvimento humano integral.

2.5 Aplicações da Psicologia Ambiental no planejamento urbano

Diante das paisagens urbanas frequentemente incompatíveis com a qualidade de vida, os estudos em Psicologia Ambiental têm fomentado abordagens práticas, categorizadas em duas linhas interdependentes.

A primeira utiliza a natureza como agente de mudança. Destaca-se o urbanismo restaurador, que prioriza a proximidade com a natureza para o equilíbrio psicológico no desenho urbano (Villalpando-Flores; Aguayo, 2024). Complementarmente, a infraestrutura verde defende que a ampliação das áreas verdes mitiga conflitos ambientais, desigualdades sociais e problemas de saúde mental coletiva (Villalpando-Flores, 2022).

A segunda linha direciona-se à requalificação sociocultural dos espaços públicos, focando no fomento à apropriação desses espaços pela comunidade para fortalecer redes comunitárias e reivindicar áreas subutilizadas (Pellicer; Villa; Vega, 2021). Quando esse uso se consolida, integrando ruas e praças profundamente ao cotidiano, evidencia-se o fenômeno explorado no conceito de Quando a Rua Vira Casa (Mello; Vogel, 2017).

3 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa de métodos mistos, realizada em duas etapas complementares. A primeira etapa correspondeu a uma revisão integrativa da literatura, que teve como objetivo levantar, analisar e sintetizar a produção científica recente sobre as relações entre psicologia ambiental e paisagem urbana, visando construir uma base teórica sólida. A busca bibliográfica foi conduzida na plataforma Periódicos CAPES, utilizando as palavras-chave "psicologia ambiental" e "paisagem urbana" em português, inglês e espanhol, com critérios de seleção focados em trabalhos que explicitassem a conexão entre comportamento humano e espaço urbano. O processo analítico envolveu triagem por títulos e resumos, análise documental completa e categorização temática dos artigos, culminando em uma síntese crítica que identificou convergências, contradições e lacunas no campo, sistematizando o conhecimento para fundamentar a investigação.

A segunda etapa consistiu em um estudo survey de natureza descritiva e exploratória, com abordagem predominantemente quantitativa, cujo objetivo foi mapear e compreender os padrões de percepção ambiental da paisagem urbana de São Paulo entre a comunidade acadêmica do IFSP. Para isso, foi elaborado e divulgado um questionário online, por meio de WhatsApp, e-mails institucionais e flyers com QR Code, obtendo-se 113 respostas válidas de um público estimado em 5000 estudantes. O instrumento continha um bloco para coleta de dados sociodemográficos e outro que apresentava 14 imagens de paisagens paulistanas, solicitando que os participantes atribuíssem notas, justificassem as avaliações e indicassem os sentimentos despertados por cada cena, sendo que tanto nas justificativas quanto nos sentimentos, poderiam escolher mais de uma opção.

A amostra, com 113 respostas válidas, apresentou um nível de confiança de 90% e margem de erro de aproximadamente 7%. A análise dos dados combinou observação de correlações simples, aplicação do Teste t de Student para verificar a significância



estatística das diferenças nas notas e uma análise interpretativa das respostas abertas.

Por fim, a fase de discussão integra os achados de ambas as etapas, buscando não apenas descrever a percepção ambiental identificada, mas compreender como ela se relaciona com variáveis sociodemográficas específicas, como gênero, idade e local de moradia (regiões da cidade e região metropolitana de São Paulo). Essa articulação entre a fundamentação teórica da revisão bibliográfica e os dados empíricos do estudo de campo permite uma reflexão mais abrangente sobre como a psicologia ambiental pode contribuir para a compreensão e a qualificação das paisagens urbanas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Resultados da revisão integrativa da literatura

A revisão integrativa constatou que a Psicologia Ambiental, formalizada em meados do século XX, consolidou-se nas últimas décadas como um campo robusto e dinâmico. A produção analisada pode ser estruturada em: fundamentos teóricos, conceitos-chave interdisciplinares e aplicações práticas. Os fundamentos têm como cerne a influência mútua entre indivíduo e ambiente, fornecendo a lente para investigar os fenômenos urbanos.

Os conceitos-chave interdisciplinares, como percepção ambiental, representação social e qualidade de vida, integram tópicos de outras áreas à perspectiva da Psicologia Ambiental. Quanto às aplicações práticas, destacam-se abordagens de intervenção como o urbanismo restaurador e a infraestrutura verde, visando melhorar a qualidade de vida urbana e resolver problemáticas socioambientais. Por fim, a revisão identificou uma concentração significativa da literatura central em língua espanhola. Embora os conceitos-chave sejam discutidos globalmente, essa predominância linguística influencia negativamente a consolidação da disciplina.

4.2 Resultados da pesquisa de campo

4.2.1 Paisagem urbana representativa de São Paulo

As respostas ao questionário sobre a imagem representativa de São Paulo revelaram a possibilidade de se agrupar em cinco categorias principais: edifícios, locais específicos, sistema viário, áreas verdes e vistas panorâmicas.

A análise dos dados permitiu identificar dois eixos centrais no imaginário coletivo sobre São Paulo, ainda que nem sempre sejam citados diretamente, mas sim por meio de seus monumentos e equipamentos.

A Avenida Paulista consolidou-se como a principal referência, sendo citada em 49 respostas. Sua representação é composta não apenas pela via em si, mas por um conjunto de símbolos ancorados em seu território, principalmente o MASP e o Parque Trianon.

O Centro Histórico, por sua vez, foi citado em 34 respostas, revelando-se um território de grande densidade simbólica e memória afetiva. Sua menção é frequentemente associada

a uma constelação de lugares emblemáticos que compõem a identidade paulistana, incluindo: o Banespão, a Estação da Luz, o Vale do Anhangabaú, o Edifício Copan, o Theatro Municipal, a Praça da Sé, o Minhocão, o bairro da Liberdade, a Rua 25 de Março, o complexo do Carandiru, o Marco Zero, o Edifício Martinelli e o Edifício Itália.

Para além dessas classificações objetivas, emergiram narrativas ricas em subjetividade e carga emocional, traduzindo a experiência urbana de forma mais profunda.

A beleza pública que atrai o olhar: “Quando eu penso em São Paulo, penso na região do centro, rodeada de belas obras e espaços públicos. Como a região da Praça das Artes que fica próxima ao Theatro Municipal e ao Banespão que realmente chamam minha atenção”.

A paisagem a partir do sistema viário: “Uma foto da Marginal Pinheiros, na altura do Morumbi/Vila Olímpia, representando a pista, com os carros, e ao mesmo tempo, os prédios comerciais e residenciais. [...] a foto deve registrar o trem da linha 9 esmeralda e também o rio Pinheiros (apresentando um contraste entre os dois lados da cidade)”.

4.2.2 Influência do gênero

A distribuição das respostas, conforme a identidade de gênero dos participantes, foi a seguinte: 60 mulheres cis, 44 homens cis, 5 pessoas não-binárias, e 4 preferiram não responder. Para garantir a robustez da análise, consideraram-se apenas os grupos com uma amostra estatisticamente significativa. Dessa forma, excluíram-se as respostas de pessoas não-binárias e de quem não declarou o gênero, totalizando 104 respostas válidas (homens e mulheres cisgênero).

A diferença entre as notas médias atribuídas pelos dois grupos foi de apenas 0,05, indicando um consenso na avaliação geral da qualidade ou estética das paisagens. Contudo, as justificativas revelaram diferenças marcantes (Tabela 1).

Tabela 1: Justificativa de acordo com o gênero

Justificativa	Gênero Autodeclarado				Diferença (M – H)
	Mulher cisgênero		Homem cisgênero		
	N	%	N	%	%
Distribuição e Organização	13	22,6	11	25,2	- 2,6
Cor	19	31,7	13	29,6	+ 2,1
Elementos Vegetais	13	21,7	08	18,3	+ 3,4
Qualidade Espacial	18	30,0	13	29,6	- 0,4
Sentimentos	20	33,4	12	27,3	+ 6,1

Fonte: Autores

Os homens tenderam a fundamentar suas avaliações em critérios mais objetivos. A categoria "distribuição e organização" foi a que apresentou a maior diferença a seu favor (2,6%), sugerindo uma maior atenção à estrutura e composição formal da paisagem. Por outro lado, as mulheres basearam-se predominantemente em respostas subjetivas. A categoria "sentimentos" registou a maior diferença relativa (6,1%), apontando para uma

conexão mais emocional com a paisagem. As categorias "cor" e "elementos vegetais" também foram mais frequentes entre as mulheres, embora com menor destaque.

Esta tendência é reforçada pela análise dos sentimentos específicos atribuídos às imagens (Tabela 2). As mulheres reportaram reações emocionais mais intensas, com diferenças significativas em relação aos homens, principalmente nos sentimentos de "calma" (8,1% de diferença) e "tristeza" (6,0% de diferença). Os homens, por sua vez, selecionaram "indiferença" com uma frequência 3,8% superior.

Tabela 2: Sentimentos de acordo com o gênero

Sentimento despertado	Gênero Autodeclarado				Diferença (M – H)
	Mulher Cisgênero		Homem Cisgênero		
	N	%	N	%	%
Calma	39	65,0	25	56,9	+ 8,1
Agitação	04	6,7	03	6,8	- 0,1
Indiferença	10	16,7	09	20,5	- 3,8
Tristeza	09	15,0	04	9,0	+6,0
Aversão	03	5,0	02	4,5	+ 0,5
Hospitalidade	01	1,7	01	2,3	- 0.6

Fonte: Autores

Em suma, a análise revela uma correlação entre gênero e percepção da paisagem. Embora as notas médias atribuídas por homens e mulheres cis sejam praticamente idênticas, os fundamentos dessas avaliações divergem. Os homens tenderam a uma abordagem mais racional e descritiva, focada em atributos formais, enquanto as mulheres demonstraram uma conexão significativamente mais emotiva e subjetiva com as paisagens.

4.2.3 Influência da idade

A distribuição das respostas, conforme a faixa etária dos participantes, foi a seguinte: 82 adultos, 29 jovens e 2 idosos. Para garantir a robustez da análise, consideraram-se apenas os grupos com amostra estatisticamente significativa, excluindo-se as respostas de pessoas idosas. O total de respostas analisadas foi, portanto, 111, correspondentes a adultos e jovens.

A análise das notas médias revelou que os adultos atribuíram valores ligeiramente superiores às paisagens, com uma diferença de 0,36 pontos em relação aos jovens. Embora modesta, essa diferença sugere que o grupo adulto teve uma percepção estética ou valoração do ambiente natural um pouco mais positiva.

As justificativas para as notas divergiram mais entre os grupos (Tabela 3). A categoria "elementos vegetais" foi a que apresentou a maior diferença a favor dos adultos (7,4%), indicando que a presença e o estado da vegetação são um critério significativamente mais relevante para este grupo. Por outro lado, os jovens destacaram-se pela escolha de "cor" (diferença de 5,7%), revelando que a paleta cromática exerceu uma influência maior em sua avaliação.

Tabela 3: Justificativa de acordo com a idade

Justificativa	Faixa Etária				Diferença (A – J)
	Adulto		Jovem		
	N	%	N	%	%
Distribuição e Organização	23	28,1	08	27,6	+ 0,5
Cor	33	40,2	12	41,4	- 1,2
Elementos Vegetais	43	52,4	14	48,3	+ 4,1
Qualidade Espacial	29	35,4	09	31,0	+ 4,4
Sentimentos	33	40,3	12	41,4	- 1,1

Fonte: Autores

Quanto aos sentimentos atribuídos (Tabela 4), "calma" foi o sentimento absolutamente dominante em ambos os grupos (72,8% dos adultos e 69,0% dos jovens). A ligeira predominância entre os adultos corrobora a hipótese de que encontram mais tranquilidade nessas imagens. Contudo, os jovens reportaram sentimentos negativos ou neutros com maior frequência. A diferença mais notável está na "indiferença" (3,3%), o que pode indicar que, em média, os jovens se conectaram emocionalmente menos com as paisagens apresentadas – aspecto relacionado à pequena diferença observada na valoração geral.

Tabela 4: Sentimentos de acordo com a idade

Sentimento despertado	Faixa Etária				Diferença (A – J)
	Adulto		Jovem		
	N	%	N	%	%
Calma	60	73,2	12	69,0	+ 4,2
Agitação	06	7,4	03	10,4	- 3,0
Indiferença	10	12,2	05	17,3	- 5,1
Tristeza	08	9,8	04	13,8	- 0,6
Aversão	03	3,7	02	6,9	- 3,2
Hospitalidade	01	1,2	01	3,5	- 2,3

Fonte: Autores

Em resumo, a correlação entre idade, valoração, justificativas e sentimentos revela um perfil perceptivo distinto entre adultos e jovens perante as mesmas paisagens. Os adultos tendem a uma apreciação mais serena, baseada em elementos naturais, enquanto os jovens demonstram uma postura mais crítica e visual, com uma conexão emocional ligeiramente mais fraca. Embora as diferenças não sejam abruptas, a idade parece influenciar o modo como as pessoas percebem e reagem a paisagens.

4.2.4 Influência da região de moradia

A distribuição das respostas, classificada por região de moradia dos participantes, é detalhada a seguir: 4 Centro, 18 Zona Leste, 9 Zona Oeste, 20 Zona Sul, 27 Zona Norte e 35

Região Metropolitana. Devido ao baixo número de respostas do Centro, o grupo foi desconsiderado da análise.

A análise das notas revelou uma homogeneidade relativa entre as regiões. A variação foi de apenas 0,34 pontos entre a média mais alta (Região Metropolitana, 6,95) e a mais baixa (Zona Oeste, 6,61).

Quanto às justificativas para as avaliações (Tabela 5), o critério "distribuição e organização" foi o mais citado por todas as regiões, atingindo seu pico na Zona Oeste (31,7%). Isso sugere que a composição visual e a ordem espacial são fatores primários na avaliação da paisagem, especialmente para esse grupo.

Tabela 5: Justificativas de acordo com a região de moradia

Justificativa	Região da Residência									
	ZN		ZS		ZL		ZO		RM	
	(N = 27)		(N = 20)		(N = 18)		(N = 09)		(N = 35)	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Distribuição e Organização	07	25,9	05	25,0	05	27,8	03	33,3	09	25,7
Cor	05	18,6	04	20,0	03	16,7	02	22,2	06	17,1
Elementos Vegetais	06	22,2	04	20,0	04	22,3	02	22,2	08	22,9
Qualidade Espacial	06	22,2	04	20,0	04	22,3	01	11,1	07	20,0
Sentimentos	05	18,6	03	15,0	03	16,7	01	11,1	06	17,1

Fonte: Autores

Outras tendências regionais emergiram: a Zona Sul destacou-se por utilizar a "cor" como justificativa com maior frequência (18,3%), superando a média geral e indicando uma possível maior sensibilidade aos aspectos cromáticos imediatos. Já a Zona Norte foi a que mais citou "elementos vegetais" (21,8%).

Na dimensão emocional (Tabela 6), o sentimento de "calma" foi absolutamente dominante em todas as regiões. Os sentimentos negativos (agitação, tristeza, aversão, hostilidade) foram minoritários. A Zona Oeste – que atribuiu as notas médias mais baixas – foi a que mais relatou agitação (14,3%) e indiferença (19%), o que corrobora sua postura mais crítica. A Região Metropolitana destacou-se por relatar hostilidade (4,5%) com uma frequência mais que dupla da média geral. A tristeza, por sua vez, teve uma leve prevalência na Zona Sul (11,8%).

Tabela 6: Sentimentos de acordo com a região de moradia

Justificativa	Região da Residência									
	ZN		ZS		ZL		ZO		RM	
	(N = 27)		(N = 20)		(N = 18)		(N = 09)		(N = 35)	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Calma	15	55,6	12	60,0	09	50,0	04	44,4	20	57,1
Agitação	03	11,1	02	10,0	03	16,7	01	11,1	04	11,4
Indiferença	04	14,8	03	15,0	03	16,7	02	22,2	05	14,3

Tristeza	03	11,1	02	10,0	02	11,1	01	11,1	03	8,6
Aversão	02	7,4	01	5,0	01	5,6	01	11,1	02	5,7
Hostilidade	01	3,7	00	0,0	00	0,0	00	0,0	01	2,9

Fonte: Autores

Em síntese, os dados sugerem que a região de moradia não determina, mas modula sutilmente a forma como as pessoas avaliam e reagem emocionalmente a uma paisagem. A busca por ordem, beleza e, sobretudo, tranquilidade se mostrou um denominador comum entre todos os grupos, ainda que nuances regionais possam ser identificadas na ênfase dada a critérios específicos ou na intensidade de certas respostas afetivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, ao articular uma revisão integrativa da literatura com uma pesquisa de campo, buscou investigar a relação entre fatores individuais e a percepção da paisagem urbana de São Paulo junto à comunidade acadêmica do IFSP. Os resultados alcançados permitem tecer considerações finais que reforçam a premissa inicial: a experiência urbana é um fenômeno complexo, mediado por variáveis subjetivas e sociais, e a Psicologia Ambiental se consolida como uma lente fundamental para decifrá-la.

A revisão teórica confirmou o papel central da disciplina como campo interdisciplinar, fornecendo conceitos para compreender a dialética entre o indivíduo e a cidade. Evidenciou também que a qualidade de vida urbana é multidimensional, dependendo tanto de infraestruturas objetivas quanto de experiências subjetivas de pertencimento, segurança e bem-estar.

A pesquisa de campo, por sua vez, traduziu esses constructos teóricos em dados empíricos, revelando como a paisagem paulistana é filtrada por lentes sociodemográficas específicas. A síntese do imaginário coletivo destacou a Avenida Paulista e o Centro Histórico como os eixos simbólicos dominantes, espaços onde se condensam memórias, contrastes e a identidade multifacetada da cidade. As análises das correlações demonstraram que, embora a avaliação estética média das paisagens tenha sido relativamente homogênea, os fundamentos dessa avaliação e as respostas emocionais variaram significativamente.

Ademais, embora os resultados demonstrem uma influência clara na comunidade pesquisada, o tamanho e o perfil da amostra não permitem generalizações para um cenário mais amplo, como o município de São Paulo em sua totalidade. É fundamental ressaltar, ainda, que os fatores que alteram a percepção urbana são inúmeros, e este estudo abordou apenas alguns deles.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Instituto Federal de São Paulo (IFSP) pelo apoio institucional, por meio da concessão da bolsa de iniciação científica do programa PIBIFSP, que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa. Registram, igualmente, o reconhecimento ao grupo de pesquisa OBY – Laboratório Cidade Paisagem, pelo suporte acadêmico, espaço de reflexão e contribuições fundamentais ao aprimoramento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. J.; SOUZA, A. A. M.; GOMES, C.; ZANETTI, V. Análise das relações entre as paisagens construídas e representações sociais dos municípios de São José dos Campos e Arapeí. **Urbe**, São José dos Campos, v. 10, n. 1, p. 180-195, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/j9gRyfGpGQNzn5KwPgVYJN>. Acesso em: 15 out. 2025.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CORRALIZA, J. A.; ARAGONÉS, J. I. La psicología social y el hecho urbano. **Astúrias: Colegio Oficial de Psicólogos del Principado**, 1993. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/727/72709927.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2025.
- CULLEN, G. **The Concise Townscape**. London: Architectural Press, 1961.
- DUARTE, D. R.; ANDRADE, J.; SOUZA, J. C.; SANTIAGO, A. G. Conexão entre pessoas e ambiente: uma revisão de literatura sobre topofilia. **Oculum Ensaios**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 1-20, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3517/351766234017/html/>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- GALLO, D. L. L. **Cidade humana: a vida urbana e a promoção da saúde como qualidade de vida**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- MACHADO, L. M. C. P. **Percepção da paisagem: conceituação, observação, descrição, vivência**. São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47176?locale=pt_BR. Acesso em: 13 out. 2025.
- MELLO, M. A. S.; VOGEL, A. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.
- MORANTA, T. V.; URRÚTIA, E. P. **La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universitat de Barcelona, Barcelona, 2005.
- PELLICER, I. et al. La psicología ambiental em la investigación e intervención urbana. **Revista de Arquitectura**, San José, v. 23, n. 1, p. 89-104, 2021. Disponível em: <https://archivo.revistas.ucr.ac.cr/index.php/revistarquis/article/view/47500/47082>. Acesso em: 01 jun. 2025.
- REIS, S. L. A.; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 17, jul./dez. 2006. Disponível em: revistaea.org/pf.php?idartigo=1081. Acesso em: 19 out. 2025.
- VILLALPANDO-FLORES, A. E.; BUSTOS-AGUAYO, J. M. La ciudad restauradora. **Debates em Sociologia**, Lima, v. 49, n.1, p. 15-40, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/debatesensociologia/article/view/28526/27003>. Acesso em: 01 jun. 2025.
- VILLALPANDO-FLORES, A. E. La transdisciplina en la enseñanza del urbanismo: aportaciones y retos de la psicología ambiental. **Bitácora Urbano Territorial**, Bogotá, v.

32, n. 2, p. 78-95, 2022. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/bitacora/article/view/104382/85586>. Acesso em: 01 jun. 2025.

VILLALPANDO-FLORES, A. E. Psicología ambiental urbana: uma mirada a la ciudad contemporánea. **Yeyá** [S.L], v. 1, n. 1, p. 45-62, 2022. Disponível em: <https://journals.tplondon.com/yeiya/article/view/2889/2135>. Acesso em: 01 jun. 2025.